

ENTRE TORCEDORAS E ESPORTISTAS: A PRESENÇA FEMININA NA REVISTA ILUSTRADA SEMANA SPORTIVA EM SALVADOR NOS ANOS 1920

Henrique Sena dos Santos¹

Apresentação: Esporte, Cidade e Cultura

Apenas a partir da segunda metade do século XIX que as práticas esportivas despontaram com maior vigor em Salvador. Entre os memorialistas é comum afirmar que o críquete foi a primeira modalidade a surgir na cidade, principalmente com o envolvimento dos ingleses. Entretanto, somente após a década de 1890, que o esporte em terras soteropolitanas começou a se estruturar com a fundação das primeiras ligas e clubes esportivos. Isso ocorreu com a presença do remo praticado na península de Itapagipe, principalmente aos domingos. O Clube Cricket Vitória (1899) foi um dos pioneiros nesta atividade, criando um departamento para a sua realização. Outra agremiação especificamente fundada para este fim foi o Clube de Regatas Itapagipe (1902), seguido do Clube de Regatas e Natação São Salvador (1902). A princípio, estes três clubes protagonizaram as principais disputas no remo, sobretudo, com a criação da Federação de Clubes de Regatas da Bahia (1904), sob a liderança do Vitória.

Já o futebol, principal atividade esportiva no começo do século, surgiu na capital baiana, entre 1901 e 1903, tendo se estruturado a partir de 1905 com o surgimento das primeiras ligas de futebol e clubes específicos para a prática. Neste intervalo de tempo o jogo era realizado tanto pelas elites quanto pelos populares. Entre os primeiros, os memorialistas afirmam que Zuza Ferreira foi o seu introdutor. Filho de um banqueiro, ao retornar de estudos na Inglaterra, trouxe consigo algumas bolas e um manual de regras e os difundiu entre seus amigos.

Entre os populares, as primeiras evidências do seu envolvimento com a bola datam de 1903 a partir de notas encontradas nos jornais sobre os chamados moleques e vadios que se iniciavam no jogo nas ruas da cidade. Gradativamente as camadas populares também praticavam o futebol institucionalizado fundando clubes e ligas mais modestas, sobretudo, entre 1907 e 1916. Estes são indícios que desconstruem a ideia de um mito de origem para o futebol baiano, no qual o jogo surge primeiro entre as elites para depois difundir por outros grupos. Em Salvador, a introdução do futebol ocorreu de várias formas e Zuza Ferreira e seus amigos abastados não foram necessariamente o centro deste processo.

Com a regularidade de partidas de 1901 a 1904, em 1905 foi criada a Liga Bahiana de Sports Terrestres, a LBST, primeira entidade destinada a organizar campeonatos de futebol na cidade, a princípio somente com a participação dos

¹ Doutorando em História e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Assis. E-Mail: <henrisena@hotmail.com>.

principais clubes elitizados como São Salvador, Vitória e Internacional. Os certames desta entidade duraram até 1912 quando devido a sua popularização e falta de estrutura deixou de ser realizado com o abandono dos clubes de elite no futebol institucionalizado de Salvador. Entre 1913 e 1920, a prática conheceu campeonatos mais populares com a fundação de clubes e entidades modestas, principalmente a Liga Brasileira de Sports Terrestres organizada por agremiações de estivadores, pequenos comerciantes e operários. Em 1920, os clubes mais abastados retornaram ao cenário futebolístico institucionalizado com a reorganização da Liga Brasileira – que passaria a ser chamada de Liga Bahiana de Desportos Terrestres, passando a incluir clubes elitizados – e, principalmente, pela construção do Campo da Graça em distrito homônimo, em 1920, o primeiro estádio de futebol moderno na Bahia. Contava com arquibancadas, camarotes, vestiários, área de circulação e estacionamento para automóveis.

Entre as duas primeiras décadas do século XX, estas e outras práticas esportivas se desenvolveram na cidade em um contexto de emergência de novas formas de lazer, muito revestidas pela imprensa da época pelo ideal de modernidade e civilidade. Ir ao cinema, frequentar cafés, teatros e sorveterias, consumir produtos importados, vestir roupas da moda, passear pelas vitrines de lojas e magazines eram novos hábitos inspirados no modelo de sociedade burguês europeu que se difundiu por várias cidades brasileiras². Em Salvador, vieram acompanhados de tentativas de reformas e regeneração tanto das relações sociais como também do aspecto material. Quanto às mudanças físicas, principalmente na década de 1910, o processo de urbanização de remodelação do espaço público tornou-se mais intenso, especialmente na gestão estadual de José Joaquim Seabra (1912/ 1916) quando algumas reformas foram realizadas.

As intervenções promovidas por J. J. Seabra, além de apresentar uma nova espacialidade urbana, contribuíram com uma nova dinâmica nas relações sociais e no cotidiano dos soteropolitanos. Ao promover transformações nos espaços públicos, ocorreram também mudanças no que diz respeito aos controles e usos sociais dos mesmos. Algumas vielas insalubres onde viviam as camadas subalternas como mendigos, vadios, prostitutas, pequenos comerciantes deram lugar as novas ruas. Avenidas foram reformadas, nas quais as famílias pudessem passear e consumir produtos importados. Os novos costumes das elites soteropolitanas, a exemplo do cinema e das festas em restaurantes e bares na vida noturna exigiam um novo espaço adequado às práticas modernas³.

² Sobre este modelo de sociedade, conferir: WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988; BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. Para a presença dos ideais de modernidade em outras cidades do Brasil ver: SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; NEDELL, J. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; REZENDE, A. *(Des)Encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: Fundarpe, 1997; DIAS, E. *A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999; SARGES, M. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

³ A construção da Avenida Sete e a reforma da Rua Chile foram duas das principais obras da gestão de J. J. Seabra. Estes logradouros tinham as suas configurações inspiradas na construção da

Entretanto, as alterações na dinâmica urbana não foram operadas de forma consensual. A própria cidade se encontrava em um contexto de oscilações econômicas, o que dificultava o andamento das reformas. Além disso, as formas de ser na cidade das camadas populares não raro ocorriam nas ruas, prejudicando o reordenamento do espaço urbano promovido pelas elites. Por fim, o candomblé, a capoeira, os sambas e batuques expressavam uma cultura afro-brasileira antagônica aos ideais de civilidade europeus⁴. Ainda vale destacar que vadios e peraltas também se apropriavam de algumas atividades esportivas vivenciando-as de outras maneiras, muito distintas das formas como as elites concebiam tais práticas.

Se o advento de uma cultura moderna expressa na introdução de novas formas de sociabilidades, como os esportes, o cinema e os cafés, alterou as configurações sócio espaciais da cidade, o mesmo pode ser dito no que tange as relações de gênero. O desenvolvimento de um universo esportivo através de clubes, campeonatos e atividades atléticas, dentro de uma atmosfera de efervescência de novos modelos de interação com o espaço público também contribuiu para a alteração da dinâmica social entre homens e mulheres. Até então as mulheres de elite tinham nas ruas e praças uma presença minimizada, sobretudo, restrita e controlada. Com os esportes, presença feminina passou a ser percebida em campos de futebol, barcos que acompanhavam as regatas e festas nos clubes o que ampliou a sua visibilidade no cotidiano da cidade. Não que as mulheres estivessem ausentes da esfera pública. Principalmente as subalternizadas sempre ocuparam alguns espaços, sobrevivendo e resistindo com formas de solidariedade próprias⁵.

Além disso, os esportes para determinado grupo de mulheres situavam-se em um contexto em que a presença e o papel das mesmas na sociedade aumentavam. A escola tornou-se acessível às jovens, o que representou um avanço, bem como a prática da filantropia que contribuiu significativamente para que os papéis femininos na sociedade não se limitassem ao lar⁶. Por fim, a moda e os passeios, mesmo que de modo controlado, representavam uma tentativa de rompimento

Avenida Rio Branco no Rio de Janeiro, em 1904, e se tornaram, nas décadas de 1910 e 1920, nos principais pontos de encontro das elites da cidade, com seus cafés, soverterias, bares e outras lojas que atraíam homens e mulheres que viam nestes espaços um local para flertes, passeios e outras formas de lazer. As reformas de J. J. Seabra e a remodelação do espaço urbano foram analisadas com mais propriedade em: LEITE, R. *E a Bahia Civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana*: Salvador, 1912-1916. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1996.

⁴ A repressão às práticas populares e negras ficou conhecida na historiografia baiana pelo termo de “desafricanização” das ruas, uma referência a uma série de ações que buscavam reprimir a expressividade popular. Sobre o termo ver: FERREIRA FILHO, A. “Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador, 1890-1937. *Afro- Ásia*. Salvador, v. 1, n. 21, 1999.

⁵ Para citar apenas dois exemplos da melhor cepa destaque: FERREIRA FILHO, A. *Salvador das mulheres: condição feminina e cotidiano popular na belle époque imperfeita*. Salvador, 1994. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1994; SOARES, C. *A mulher negra na Bahia no século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1994.

⁶ TRINDADE, Etelvina. “Cidade moderna e espaços femininos”. *Projeto História*. São Paulo, v. 2, n. 13, 1996. Para um panorama da presença das mulheres nos diferentes espaços públicos, consultar: PERROT, M. *Mulheres públicas*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

gradativo com ideais patriarcais. A partir dessas atividades as senhorinhas e moças de família experimentavam novas relações, além de entrarem em contato com novas dinâmicas e vivências com outros grupos sociais que o ambiente doméstico não podia proporcionar. Obviamente, vale lembrar que a mudança na condição feminina das camadas abastadas não se deu de forma homogênea e facilitada. Sobretudo, as elites aristocráticas buscavam manter certos valores e tradições apreendidas que relegavam a mulher unicamente o papel de boa esposa e mãe.

Enfim, tendo este cenário em mente a proposta deste texto é analisar a relação entre o gênero feminino e o esporte em Salvador na década de 1920, especificamente através da leitura revista *Semana Sportiva*, principal periódico da década dedicado à temática. Embora as práticas esportivas em Salvador datem do final do século XIX, é somente nos anos 1920 que elas parecem adquirir uma centralidade na sociedade soteropolitana, sobretudo, após a construção do Campo da Graça, principal praça esportiva da cidade naquele momento e pela emergência e consolidação de um discurso eugênico de fortalecimento do corpo, no qual o esporte era um elemento decisivo. Buscou-se identificar a qual perfil de mulher a revista direcionava o seu discurso, percebendo em quais espaços e situações o periódico considerava interessante o envolvimento das senhorinhas e mademoiselles no esporte. Ao final, conclui-se que se a defesa da revista em torno da presença das mulheres no universo esportivo soteropolitano não raro atendia uma lógica exterior a elas, também foi resultado de lutas e tensões sociais em torno da reivindicação por parte delas por novos espaços e pela constituição de novos territórios, contribuindo para que assumissem novas posições, buscando (des)hierarquizar lugares sociais/sexuais na tentativa de configurar novas relações de gênero⁷.

As Primeiras Relações entre as Mulheres e os Esportes em Salvador

Já no início do século XX, foi possível identificar o envolvimento das mulheres nos esportes. Algumas crônicas envolvendo jogos de futebol, entre os anos de 1905 e 1907, revelam como a sua presença era perceptível. Em uma partida do segundo campeonato de futebol no Campo da Pólvora, em 1906, o jornal *Gazeta do Povo* se entusiasmou com aquela “festa *chic* que teve para seu maior realce a presença numerosa e escolhida de mais de 300 senhoras trajando quase todas toilettes leves e das cores mais variadas”⁸. Este tipo de nota é comum ao longo das décadas de 1900 e 1910 quando se refere o envolvimento do chamado “sexo frágil” em alguma prática esportiva, indicando como elas buscavam se inserir no espaço público acompanhando as mudanças da cidade.

A quantidade significativa de mulheres nos ambientes esportivos, mesmo desconfiando de alguns números, aponta como este movimento desde o início

⁷ Neste artigo dialogamos com a noção de gênero defendida por Joan Scott que compreende a categoria enquanto histórica e “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos (...) e uma forma primeira de significar as relações de poder”. SCOTT, J. “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 2, n. 16, 1992, p. 15. Ver também: PEDRO, J. “Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica”. *Revista História*. São Paulo, v. 24, n. 1, 2005.

⁸ *Diário de Notícias*, Salvador, 22 mai. 1906.

foi marcante. Ao menos entre alguns sujeitos o seu vigor era tão notável que, por volta de 1906, em uma sessão do Conselho Municipal o edil Antonio Machado “apresentou um projeto concedendo a Liga Bahiana de Sports Terrestres 5:000\$00 para a mesma construir no Campo da Pólvora uma arquibancada” uma vez que “não era possível que o belo sexo continuasse debaixo de sol e chuva assistindo a jogos de futebol”⁹.

Até 1920, quando foi criado o Campo da Graça, não existiam arquibancadas nos campos em Salvador e as partidas eram apreciadas através da compra de ingressos que garantiam cadeiras. Em 1906 não existia a cobrança de ingresso, o que aconteceria um ano depois. Porém, a exigência de arquibancadas para as mulheres aponta como a presença feminina no futebol era valorizada pelos homens, mesmo que para alguns destes o envolvimento fosse apenas uma questão de embelezamento dos jogos.

Por outro lado, alguns homens observavam que a ida das jovens da cidade aos eventos esportivos não se tratava apenas de ser um colírio para os olhos masculinos. Pelo contrário, muitas senhorinhas pareciam frequentar estes espaços porque gostavam de esportes e se interessavam em comentar jogadas, lances e o andamento dos campeonatos. Para algumas moças a ida a um campo de futebol ou regata não servia apenas para encontrar amigos ou namorados, mas também para torcer pelo clube ou atleta favorito. O gosto das mulheres pelos esportes em si é evidenciado em algumas crônicas de John, um colunista esportivo que escreveu, em 1906, para o *Gazeta do Povo*. Em alguns dos seus textos, o cronista impressiona-se com o conhecimento feminino acerca das regras e táticas do futebol:

As tardes de foot-ball são um encanto.

A cidade, encafuada durante uma semana, atopeta as ruas.

Os bonds que levam ao campo, transbordam.

Ha uma agitação ruidosa e atrativa.

Nesse meio de elegância e fausto, fazem também seu rendevous as nossas patrícias modestas, dos bairros suburbanos.

Ha senhoritas da Victoria, de São Pedro e Nazareth, como do Sangradouro e Pau Miúdo.

Ah! As nossas patrícias do Pau Miúdo, como enfeitiçam o campo. Elas também entendem a técnica do jogo. Ontem, quando uma bola ameaçava vazar o gol do Santos Dumont, uma delas, gritou “no ball, it is off side”

Como são encantadoramente anglomanas as nossas patrícias do Pau Miúdo.¹⁰

Além das aparições nos jogos e regatas, as mulheres, desde o princípio, participavam do cotidiano dos clubes esportivos, que não era restrito às atividades atléticas que praticavam. Também tinham vida social intensa com organizações

⁹ MAIA, Aroldo. *Almanaque esportivo da Bahia*. Salvador: Hellenicus, 1944, p. 115.

¹⁰ *Gazeta do Povo*, Salvador, 30 jul. 1906.

de festas, confraternizações e eventos beneficentes, organizados por mulheres e constituindo-se nas principais formas de participação delas nos grêmios esportivos, não só em Salvador como em outras cidades brasileiras, a exemplo da capital da República¹¹. No terno de reis de 1906, por exemplo, alguns clubes liderados pelas suas adeptas organizaram o terno dos esportes:

Parece que vai dar a nota na próxima festa de Reis, o Terno dos Sports, organizado por gentilíssimas senhoritas da fina flor da sociedade baiana e pelos rapazes dos clubes Victoria, S. Salvador, Itapagipe e Santa Cruz.

As jovens que fazem parte do terno se apresentarão de branco com enfeites das cores simbólicas, levando os distintivos dos clubes de que forem adeptas.

Além disso, com uma lanterna veneziana, cujo efeito é fácil de prever.

Foi isso o que nos comunicou anteontem ao meio-dia uma comissão composta das estimáveis e simpáticas senhoritas Almerinda Magalhães, Lylia Revault, Maria da Gloria Revault e Isabel Marques, ás quais agradecemos a fineza da comunicação.¹²

Enfim, por algumas notas verifica-se que a presença feminina nos esportes em Salvador ocorre em paralelo ao surgimento das primeiras atividades atléticas, indício de que seu envolvimento era desejável pelas mesmas.

Todavia, nesta fase as mulheres se envolviam muito mais enquanto espectadoras de partidas de futebol, regatas ou como frequentadoras dos clubes esportivos e idealizadoras de eventos sociais no interior dos mesmos. Ao que parece, em Salvador, até a década de 1910, a prática das atividades esportivas era exclusivamente masculina. Somente nos anos 1920 que a relação entre esporte e mulher se intensificou, uma vez que elas gradativamente passavam se envolver também como praticantes.

Os principais motivos que ocasionaram esta transformação podem ser encontrados no contexto do próprio momento. Nele as discussões referentes à modernidade no âmbito dos esportes ganharam um novo fôlego. Se nas duas primeiras décadas do século XX, o futebol, remo e outras atividades eram vivenciadas pelas elites mais como um tipo de interação social, na década de 1920 esta relação também se torna perceptível no plano dos discursos eugênicos.

As atividades atléticas passaram a gravitar em uma conjuntura decorrente dos efeitos da Primeira Guerra Mundial. Para Nicolau Sevchenko, uma das consequências daquele conflito mundial foi requerer das pessoas:

¹¹ ARAÚJO, R. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

¹² *Diário de Notícias*, Salvador, 30 jan. 1906.

*[...] o seu engajamento físico, em condições que rompem com a rotina do cotidiano e o consenso dos hábitos e ideias. Só desse modo elas podem vir a desempenhar um papel ativo, integrando uma força coletiva que adquire assim uma corporeidade extra-humana. Nesse desempenho físico em que o corpo é a peça central, os agentes da “ideia nova” se expõem a um intenso bombardeio sensorial e emocional, que se torna a substância enérgica em si mesma da ação, não devendo, pela lógica da sua própria economia, se desdobrar em considerações reflexivas ulteriores. Neste sentido, não é que a ação preceda o pensamento, mas mais do que isso, ela se nutre exatamente da abstinência dele.*¹³

Para além de oferecer um espaço de convergência social, o esporte passou a ser visto, não só pela imprensa como pelos próprios praticantes, como necessários a inserção da cidade em uma dinâmica de engajamento físico, de desenvolvimento do corpo e de regeneração da raça entendida enquanto nação assumindo, portanto, um caráter eugênico e pedagógico. A guerra contribuiu para esta dimensão dos esportes uma vez que, para Sevcenko, “também nesse contexto é que as atividades atléticas tiveram o seu *boom*, compreendidas como um segredo militar para a adequada preparação das tropas”¹⁴.

Por outro lado, isso não quer dizer que antes dos anos 1920 inexistissem discursos que pensavam o esporte enquanto uma atividade capaz do fortalecimento e regeneração física em Salvador. Em alguns jornais a ideia de que o futebol ou remo civilizava a cidade também estava relacionada com o fato de que a prática proporcionava o desenvolvimento do corpo. Entre alguns médicos, escritores e literatos também era presente este ideal. Em 1904, por exemplo, na Faculdade de Medicina da Bahia, o médico Álvaro Reis, em sua tese, defendia a importância da Educação Física, através da prática do esporte:

*Todo exercício físico deve ser acompanhado, para não ser monótono e enfadonho e ser satisfatoriamente realizado, de uma nota de prazer e interesse como caráter recreativo. Por isso jogo e os sports são de grande vantagem no aperfeiçoamento orgânico, na educação física, principalmente da mocidade.*¹⁵

No entanto, em Salvador, até 1912, estes discursos quando associados ao esporte não eram comuns, diferente de outras cidades como o Rio de Janeiro onde, nos anos 1900, já existia um pensamento que considerava as atividades atléticas

¹³ SEVCENKO, *Orfeu extático...*, p. 32.

¹⁴ SEVCENKO, N. “Futebol, metrópole e desatinos”. *Revista USP*: São Paulo, v. 1, n. 22, 1994, p. 33.

¹⁵ REIS, Á. *Educação física*. Salvador: Litografia Reis e Companhia, 1904, p. 57, *apud* PEREIRA, L. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 60.

importantes para o fortalecimento e higienização do corpo¹⁶. Provavelmente na capital baiana esse discurso quando relacionado aos esportes não tinha tamanha receptividade pela falta de uma cultura esportiva bem estruturada que oferecesse um tipo de suporte. Vale lembrar que antes do Campo da Graça, as partidas de futebol na cidade eram realizadas em áreas de terra batida, como no Campo da Pólvora sem arquibancadas ou em um campo de jôquei adaptado para o futebol no prado do Rio Vermelho. Diante disso o próprio Álvaro Reis em sua tese chegou a afirmar que os benefícios do futebol de nada valiam quando praticado sem as condições materiais necessárias. Assim, “a cultura física não podia ‘chamar-se cultura da saúde do corpo, mas sim da ruína do corpo’”¹⁷.

Já nos anos 1920, em Salvador há de se considerar uma recorrência maior de discursos que retratam um pensamento que via no esporte uma prática fundamental para o progresso físico e racial da cidade, pois já tinha condições de corresponder, haja vista a construção do próprio estádio que fora projetado para ser um marco esportivo na cidade.

Se neste momento o esporte passou a ser utilizado por um discurso sistemático e direcionado para o avanço físico/ moral da sociedade, o fato da mulher ter uma presença apenas enquanto coadjuvante, ou seja, espectadora precisava ser revisto. Neste período a civilização atribuída à cultura esportiva deveria necessariamente contemplar as mulheres através de novos hábitos. Não bastava uma participação enquanto frequentadoras de jogos ou idealizadoras de ternos de reis e outros eventos nos clubes. Agora elas deveriam se inserir no universo esportivo enquanto praticantes, uma vez que o discurso que envolvia as atividades atléticas estava intimamente ligado à necessidade de desenvolvimento do físico e da estética corporal que, guardada as devidas especificidades, era válido para ambos os sexos. Enfim, a “urbanização exige assim uma nova cultura física masculina e feminina, novas atividades e novas formas de apresentação corporal próprias à cidadania que se institui nas cidades grandes”¹⁸.

Folheando a *Semana Sportiva*

Caberia à imprensa, principalmente, a revista *Semana Sportiva* assegurar a missão civilizadora do esporte. O semanário fundado, em 1921, pelo editor Celestino Britto atuou como o principal defensor da necessidade das atividades esportivas para homens e mulheres. Fazendo jus ao seu título, a revista tinha 20 páginas em média, ricamente ilustradas que cobriam, detalhadamente, a vida esportiva da cidade, entrevistava atletas e dirigentes de clubes. Por fim, mas não menos importante, publicava editoriais elaborados por jornalistas, médicos e educadores que argumentavam de diferentes formas sobre a importância do futebol, tênis, remo e outras atividades para ambos os sexos. Logo no primeiro número, no seu texto de apresentação, a revista buscava definir bem o seu lugar na sociedade e na imprensa soteropolitana:

¹⁶ PEREIRA, *Footballmania...*, p. 42-55.

¹⁷ REIS, *Educação física...*, p. 91, *apud* PEREIRA, *Footballmania...*, p. 60.

¹⁸ SCHPUN, M. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: SENAC, 1997, p. 107.

Vimos do esporte e só para ele viveremos, animando o que existe e amparando o que surgir, porque cremos que o esporte não é somente um divertimento, que além do desenvolvimento físico muito contribui para a moral, principalmente aqui que o esporte constitui meio de vida, sendo de lamentar apenas que as palestras íntimas nos momentos de lazer não sejam em suas sedes ou lugar apropriado, onde a mocidade achasse outras diversões salutaras.

Não importa, não há maior meio de propagar idéias de que uma imprensa sã – esforçaremos-nos para isto!¹⁹

Ao percorrer as páginas da revista, de início é possível identificar uma quantidade significativa de crônicas, contos, recomendações e editoriais discorrendo sobre a necessidade das mulheres baianas mudarem os seus hábitos e aderirem à cultura esportiva por velhos e novos ângulos. Mesmo constatando que já existia um envolvimento feminino no esporte desde os anos 1900, o periódico ainda achava este movimento tímido. Afinal, grande parte do cotidiano das mulheres de elite na transição dos séculos XIX e XX se restringia aos espaços controlados pelos homens, como a casa. Muitas vezes quando extrapolado era para servir obrigações religiosas como as missas e a clausura. Apesar de alguns avanços, as aparições femininas nas ruas ainda eram rigorosamente controladas²⁰. É contra este passado recente e ainda muito presente que as notícias e textos de situações fictícias da *Semana Sportiva* lutavam na tentativa de inserir seus leitores e, principalmente, leitoras no momento de novas sociabilidades e sensibilidades oportunizadas pelo esporte. Uma crônica intitulada “Martha” é uma evidência deste momento:

Por que seria que ela, a doce Martha, gostava tanto do Botafogo?

Não perdia um jogo, um treino, não perdia... Martha era tão linda!

Eu que sempre a conhecera tão tímida, tão indiferente ao foot-ball, tão caseira... Martha que raramente saía de casa; Martha que aos Domingos só ia a missa adorar o santo de sua devoção – São José... Como Martha estava mudada!

O que faria se operar nela a modificação dos seus hábitos, a mudança do seu temperamento, a transformação da sua índole e a reforma dos seus hábitos caseiros?

¹⁹ *Semana Sportiva*, Salvador, n. 1, 9 abr. 1921.

²⁰ No início do século XX, o comportamento da mulher de elite era muito influenciado por modos de sociabilidade baseados em manuais do século XIX que debatiam a forma como as senhoras e jovens deveriam se comportar no ambiente público e doméstico. Ver, por exemplo, o estudo de: REIS, A. *Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*. Salvador; Centro de Estudos baianos da UFBA, 2000. A autora identificou um conjunto de 41 cartas do Dr. José Lino Coutinho, endereçadas a sua filha, Cora, a instruindo a ter uma fala suave e branda, além de ser doce, boa mãe e obedecer ao marido.

Teria Martha, afinal, compreendido que era mulher e que necessitava aparecer, se mostrar!

Ter-se-ia, Martha, só então, se mirado no espelho e este revelado segredos que desconhecia? Ou alguém se lhe havia despertado o gosto pela vida?

Essas perguntas fazia eu a mim mesmo.

Mas porque seria escolhida para ponto de exibição da sua beleza ou distração de seu espírito o foot-ball e logo o foot-ball praticado no campo do Botafogo?

Hum! Havia mistério nisso... e mistério do coração.

Comecei a observar. Acompanhava seus olhares, para conhecer as predileções de sua alma.

Comecei a observar... Difícil me não foi descobrir a causa da sua assiduidade aquele campo. Os olhos de Martha não se despregavam de um jovem jogador do Alvi-negro... Um sorriso delicioso acompanhava o jogador eleito do seu coração.

Certa vez o Botafogo realizava um importantíssimo match, quase decisiva de campeonato. No final quase do segundo tempo, o score era de um a um, a falange gloriosa carregava impetuosa sobre as barras adversárias. A assistência enorme delirava, não despregando os olhos daquele lado. Só Martha olhava para o outro lado... para o lado que não havia jogo... para o lado onde se encontrava o seu amor.²¹

Esta crônica é um exemplo típico recorrente em algumas edições. Geralmente começa com uma mulher de hábitos reclusos que ia apenas a Igreja e que ao ter contato com esporte, repentinamente muda seus costumes. Não raro a vivência do ambiente esportivo vinha acompanhada de um interesse por um amor como é o caso da jovem Martha. Neste caso, a mudança do seu estilo de vida foi uma tentativa de se aproximar do jogador preterido.

Vale destacar que um bom motivo para a presença de moças e senhoras no Campo da Graça ou na Península de Itapagipe era torcer por um determinado clube ou um jogador/ remador em particular. Contudo, como a crônica indica, existiam muitas outras razões também, sendo que uma delas estava ligada à questão dos flertes, paqueras e namoros. Na *Semana Sportiva* são encontradas informações que revelavam que tal senhorinha gostava de algum jogador ou que determinada jovem frequentava o estádio para apreciar o seu noivo, namorado ou mesmo conhecer melhor o seu pretendente²². Muitas vezes eram os seus consortes que estavam no campo ou no mar. Os eventos esportivos nunca se resumiam

²¹ *Semana Sportiva*, Salvador, n. 44, 04 fev. 1922.

²² Durante várias edições, a Revista publicou uma seção intitulada “Confidências”. Trava-se de um questionário onde as senhorinhas que tinham seus nomes ocultados por suas iniciais respondiam perguntas como: Qual o jogador mais bonito ou do que mais gosta de fazer quando vai ao Campo da Graça, entre outras perguntas.

unicamente a sua prática, uma vez que existiam, no decorrer destes, bandas e outras manifestações lúdicas que animavam a torcida e atletas no intervalo das disputas. Além disso, ao final de uma partida ou regata era comum torcedores e jogadores se dirigem aos bares da cidade para confraternizações. Estes momentos serviam para os casais, pretendentes e suas respectivas famílias conversarem sobre as expectativas de um determinado relacionamento²³. Enfim, as praças esportivas se revelavam enquanto um espaço de relações afetivas, que passaram por um processo de flexibilização em decorrência do advento de uma cultura moderna.

Existiam formas mais diretas de inculcar nas mulheres a necessidade da mudança dos costumes e como esta seria proporcionada pelo esporte. Foram encontrados alguns editoriais versando de modo explícito sobre o ideal que mulheres deveriam seguir. O editorial denominado “A Mulher e os esportes” chamou bastante atenção:

O título é tão sugestivo que, nem por muito usado, valerá a pena mudá-lo. Mas, ainda mais interessante é o assunto que se lhe advinha ser sintetizado.

Já ninguém ignora que a hora atual em todo o mundo é de renovação. Como que se levanta por toda a terra, dos isolamentos mais ignorados aos centros mais palpitantes de vida, um grito de guerra ao passado. Na arte, na literatura, nos costumes, em todo e por tudo, procura-se romper o laços que até aqui nos têm prendido ao passado. Mas, onde esse movimento se nota mais intenso é na literatura e no feminismo. Quanto ao feminismo, infensos à sua vitória, ou seja, à sua situação em pleno igual ao sexo masculino, aplaudimos, entretanto, e sinceramente esse trabalho que vem sendo inteligentemente desenvolvido por umas tantas justíssimas conquistas.

Em várias esferas, graças a esse empenho brilhantemente aplicado a sua vitória se vai definindo animadoramente.

No sport é o que condiz com o nosso programa, vai a mulher educando o físico, aperfeiçoando-o em provas de exercícios que dizem com a sua condição, muitas vezes até triunfando sobre fortes antagonistas do sexo contrário.

Agora mesmo jornais europeus anunciam magníficos triunfos de tenniswomen.

No Brasil, no sul há até teams femininos para o foot-ball, como o tem o Vasco da Gama.

Aqui na Bahia já é um gosto o comparecer-se às tardes de domingo, aos courts do Club Bahiano de Tênis. Estrangeiras em grande número praticam o tennis, consumindo a tarde nesse exercício salutar.

²³ Sobre a dinâmica do flerte, conferir: AZEVEDO, T. *As regras do namoro à antiga: aproximações sócio-culturais*. São Paulo: Ática, 1986.

É mister que as baianas também compreendam a necessidade de aderir eficientemente a esse movimento.

Nem se compreenderá que, acompanhando a evolução mundial, a mulher baiana faça exceção justamente no ponto que mais está interessado e atraindo a mulher no mundo inteiro civilizado.²⁴

Neste editorial, o seu autor busca convencer os seus leitores e leitoras sobre a importância da prática do esporte principalmente pelo fato de nos grandes centros civilizados o envolvimento feminino em alguma atividade atlética já ser notável. Uma informação que o articulista deixa transparecer é que boa parte das mulheres que praticam algum esporte na Bahia, sobretudo o tênis, é estrangeira. Este é mais um argumento para as baianas se inserirem na prática de alguma atividade física, uma vez que os hábitos das estrangeiras, consideradas pelo autor de centros mais evoluídos, deveriam ser seguidos.

Por outro lado, o fato do texto citar apenas as estrangeiras no cultivo do tênis indica, no mínimo, uma não adesão satisfatória na prática daquela e outra atividade por parte das *mademoiselles* da cidade da Bahia. Em muitas outras notícias a *Semana Sportiva* parece revelar que o envolvimento do dito “belo sexo” no cenário esportivo baiano continuava a ocorrer muito mais enquanto espectadoras dos campeonatos do que praticantes e idealizadoras de suas próprias competições e agremiações. Esta situação, inclusive, era motivo de insatisfação por parte de alguns colunistas do periódico. Afinal, o ideal almejado por este não era cumprido integralmente. O sexo que não estava correspondendo na empreitada do progresso físico era justamente aquele que mais precisaria dos benefícios do esporte. Não custa lembrar que, de acordo com os discursos médicos da época, a mulher deveria preparar o seu corpo adequadamente para gerar filhos fortes: mães fortes fazem uma raça forte era o lema do momento. Um artigo da revista parece resumir enfaticamente a insatisfação de não ver as mulheres cultivando um esporte como o tênis:

O feminismo e o tênis entre nós

A memória faltava assunto desportivo para roubar-nos algum tempo dos nossos leitores e, como julgávamos oportuno tratar, de relance, sobre o cultivo do tênis entre nós, não oscilamos em fazer uma ligeira crítica relativa a esse esporte e o feminismo.

De há muito descansava sobre a nossa banca de leitura, um vespertino baiano, que inseriu em sua primeira página, a fotografia da campeã mundial de tênis. E esse jornal que também publica o telegrama procedente de Nice, noticiando a conquista de Mlle. Suzanne Lengle e a derrota da senhora Mallory, pelo “score” de 6 por 0,

²⁴ *Semana Sportiva*, Salvador, n. 166, 06 set. 1924.

oferece margem para um comentário, tendo em vista o descaso das brasileiras, no que concerne aos esportes mais apropriados ao sexo.

Vulgarmente as nossas gentis patrícias se deixam levar muito pelas “torcidas” de uns e de outros clubes, esquecidas talvez, do quanto lhes é apreciado o seu desenvolvimento no ténis.

Estamos muito longe de afirmar que o nosso mundo feminino não seja admirador, fervoroso até, dos clubes de foot-ball e dos de remo. E a prova temos na intensidade com que se revela, definido e cheio de egoísmo, “torcendo” entusiasticamente pela vitória destas ou daquelas cores, que porventura lhes é simpáticas. Entretanto, parece fugir a responsabilidade de ser visto num “rink”, desenvolvendo seu físico e angariando veneradores, com muito maior força, que ele, o feminismo, possa dar aos “foot-batters” que nos stadiums, ufanados com os “hurras” de vozes frágeis, chutam a bola, embriagados na convicção de que contentam os reclamos da “torcida”.

As formosas e promissoras jovens brasileiras, devem, pois, ao nosso modo de ver, lutar, com a mais absoluta das precisões, para que, dentro em breve, rivalizem, em simpatias, com o cultivo do ténis, os demais esportes que já são comuns no Brasil. Os nossos votos e os nossos esforços não se farão recusar, cuja eficácia consiste nos atrativos que o jogo de ténis oferece, assim como, nos encantos que vulgarmente residem no belo sexto, tudo, portanto lhe sendo útil.

Estamos certo que, futuramente as baianas fundarão um clube de ténis e a sua prioridade nesse particular servirá de exemplo as suas rivais dos outros Estados do país, continuando a Bahia com a grande ventura de ser mãe, mais uma vez, das coisas auspiciosas e fecundas para a nossa raça [...].²⁵

Observa-se, de modo inequívoco, que o articulista é taxativo ao condenar o fato das mulheres baianas e até brasileiras apenas torcerem por clubes e times, ao invés de praticarem alguma atividade. Mais uma vez a referência às desportistas estrangeiras, neste caso as mulheres inglesas, ratifica a necessidade em seguir os passos femininos europeus.

O fato de a revista deixar transparecer uma certa insatisfação quanto à forma como as mulheres se envolviam com o esporte é um indício que as mesmas nem sempre se sujeitavam aos discursos normativos que buscavam estabelecer regras

²⁵ *Semana Sportiva*, Salvador, n. 110, 12 mai. 1923.

sobre o seu comportamento e corpo. A própria revista em outros momentos se incomodava com esta situação. Significativo neste sentido é um editorial assinado por Magno em que se queixava com o modo como algumas mulheres se vestiam para ir ao Campo da Graça apreciar as partidas de futebol. O autor indignava-se com “o rigor das custosas ‘toilettes’ em sedas caras, notando-se até umas poucas, trazendo enluvadas as brancas mãozinhas, o que não deixava ouvir os aplausos de mademoiselles aos seus clubes prediletos.” Para Magno, “campo de *foot-ball* não é salão de baile! [...] trajar bem, ser ‘chic’ e elegante não é vestir seda, onde não se pede seda. Para o campo, lindas torcedoras, vestimentas devem ser leves e simples.” Finalmente, recomendava as mulheres saberem:

*[...] se trajar para não prejudicar a formosura e o bom gosto como vêem prejudicando, com esse péssimo hábito, o comparecimento de muitas gentis torcedoras que, não podendo acompanhar o luxo impróprio do lugar, como impróprio a estação, se esquivam de lá ir. [...] saber vestir é mais do que o vestir bem.*²⁶

É possível interpretar que algumas mulheres, mesmo dentro de um contexto em que predominava o discurso eugênico, continuavam, assim como nos primeiros anos, a ver no esporte apenas um simples e desprezioso lazer. Talvez estivessem mais interessadas em um passeio, conversar com as suas amigas e flertar do que se ver contribuindo para a regeneração física da cidade. Esta situação parecia incomodar bastante corpo editorial da revista que via no Campo da Graça um lugar de estímulo às atividades físicas e não um local para exibicionismos.

Por seu turno, o descontentamento de Magno é um indicativo que os espaços esportivos, para além de servirem enquanto locais de namoro e flirts eram uma ótima oportunidade para exibição da própria moda e suas tendências, que na transição dos séculos XIX e XX, tornou-se numa das principais manifestações das mulheres de elite:

*A moda tornava-se uma preocupação relevante, haja vista ser o vestuário um emblema de status, um distintivo social das pessoas e do sexo. Estar bem vestida era uma exigência da sociedade que procurava reproduzir no seu cotidiano os valores burgueses. A apresentação social do indivíduo assume um grande valor. Os discursos em torno da “natureza feminina” insistiam na aparência exterior da mulher, onde as idéias de higienização e cuidado com o corpo terminavam por valorizar um tipo de estética. A forma como uma jovem se vestia era tão apreciada como o seu modo de andar, falar ou conversar.*²⁷

²⁶ *Semana Sportiva*, Salvador, n. 65, 14 jul. 1922.

²⁷ BARREIROS, M. *Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1997, p. 142. Ver

Embora o conteúdo da revista fosse sistematicamente produzido também visando um público feminino, existia um perfil bem definido de mulher para a qual o periódico dirigia suas imagens e textos. Identificá-lo não foi uma tarefa muito difícil. A absoluta maioria das imagens de mulheres publicadas envolvia brancas, esbeltas, com roupas custosas, chapéus delicados, em carros luxuosos ou frequentando grandes eventos sociais em clubes esportivos abastados. Durante várias edições as capas da *Semana Sportiva* foram estampadas por torcedoras famosas, filhas de destacados comerciantes ou esposas de personalidades políticas.

Além disso, o periódico publicou em alguns números a coluna de “Perfis Femininos”: tratava-se de um texto em que o colunista discorria algumas características físicas e sociais de mulheres soteropolitanas e estrangeiras, torcedoras das arquibancadas do Campo da Graça com a intenção dos leitores reconhecerem quem era a retratada. Além das dicas, o colunista sempre intitulava o seu texto com as iniciais da senhorinha perfilada. Foram encontrados mais de 30 perfis, úteis para definir qual público feminino atraía o interesse da revista. Identificou-se, por exemplo, quais profissões e atividades algumas das torcedoras exerciam; onde moravam; quem eram seus namorados, pretendentes e as suas profissões; quem eram os seus pais e as atividades destes. Ademais, foi possível saber, inclusive, a cor, estatura, cor dos olhos e, é claro, para quais clubes e atletas elas torciam.

Quase a totalidade das perfiladas eram brancas. Mademoiselle G. G. C., por exemplo, era “Loira como as atraentes filhas da grande Germânia, o alvo da sua cútis, exorada por duas contas pretas e luzidas, cujos reflexos só podem ser analisados pelo esportista quase militar”²⁸. Já mademoiselle H. L. “é quase loira (natural), tem lindos olhos cor do céu em dias claros, esguia de perfil como as bem apresentáveis filhas de França e Itália, cuja pele é alva como os mármore alvos”²⁹.

Em relação às atividades exercidas, a maioria se dedicava a algum tipo de arte, como mademoiselle E. L. que, “admiradora de tudo quanto é belo e artístico, entrega-se devotamente ao estudo da música e da pintura, sendo este último o da sua predileção”³⁰. Por seu turno, a senhorinha A. B., estudiosa da música, “costumava deliciar a platéia do Teatro Guarany com sua orquestra bem organizada”³¹, ao passo que a “aplicada senhorinha Z. C. F., aluna da Casa da Rua Alvo, é apaixonada pela arte decorativa, dedicando-se ardorosamente ao desenho e pintura.” Sobre a jovem D. C., na “alta roda social é sempre possível vê-la em concertos, cinemas, teatros, soirées dançantes, etc., etc...”³². Muitas das jovens baianas possuíam algum tipo de educação formal. R B. B. era “diplomada pelo Educandário dos Pedrões e [...] se há quem sabia honrar o título de aluna-mestra

também: SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; BONADIO, M. *Moda: costurando mulher e espaço público – estudo sobre a sociabilidade feminina na cidade de São Paulo, 1913-1929*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade estadual de Campinas. Campinas, 2000.

²⁸ *Semana Sportiva*, Salvador, n. 21, 28 ago. 1921.

²⁹ *Semana Sportiva*, Salvador, n. 16, 24 jul. 1921.

³⁰ *Semana Sportiva*, Salvador, n. 44, 4 fev. 1922.

³¹ *Semana Sportiva*, Salvador, n. 31, 6 nov. 1921.

³² *Semana Sportiva*, Salvador, n. 28, 16 out. 1921.

não há que mais o faça do que mademoiselle, que teve a glória de chegar a uma láurea”³³.

No que diz respeito aos parentes das perfiladas uma grande parte era filha, sobrinha ou irmã de algum jurista, médico, advogado, grandes comerciantes, enfim pertencentes, como a jovem G. G. C., “às mais brilhantes tradições da família baiana e de honrosas ramificações”³⁴. Os maridos, namorados e pretendentes eram donos de casas comerciais, personalidades políticas, além de estudantes de medicina e direito, como o noivo da senhorinha H. P. que, residente em São Paulo, “tem que continuar a satisfazer todas as vontades da formosa senhorinha tal qual a mãe e o pai.”³⁵

Por fim, grande parte das senhorinhas baianas perfiladas morava em áreas consideradas nobres da cidade. Algumas residiam no distrito de Rio Vermelho, outras moravam em São Pedro e Nazareth. Ao localizar os distritos da cidade, os colunistas da *Semana Sportiva* frequentemente os caracterizavam enquanto salubres e saudáveis, reforçando a qualidade de abastada das perfiladas. Para um dos colunistas, mademoiselle M. R., “em virtude do local onde mora, no distrito sadio de Nazareth, deve gozar de muita saúde”³⁶.

Recomendações e Contraindicações: (re)hierarquias entre os sexos na *Semana Sportiva*

Embora a *Semana Sportiva* incentivasse e elogiasse a inserção feminina no universo esportivo, ela também procurava impor limites no que diz respeito à participação das mulheres neste ambiente, mais especificamente na prática de algumas modalidades. Neste sentido, há na revista uma série de textos, aqui entendidos como recomendações e contraindicações, que visavam indicar para a mulher quais os esportes mais apropriados para o seu corpo, quais os inapropriados e as suas respectivas razões.

Seguramente, os motivos da existência destes textos, sobretudo, os que buscavam regular a prática de alguns esportes, são encontrados na política eugênica de início do século XX. Retomando o argumento já trabalho anteriormente, uma das principais justificativas para o envolvimento feminino nos esportes era a necessidade de aprimorar as jovens baianas visando um desenvolvimento saudável do corpo, o que consequentemente contribuiria para o progresso da racial e social como um todo. De acordo com Silvana Goellner:

Baseados na teorização darwinista de que a atividade física atuava no fortalecimento orgânico e, portanto, no aprimoramento da espécie, muitos dos discursos e práticas que circularam no Brasil do início do século XX mencionavam que o refinamento da raça estava diretamente relacionado com o fortalecimento da população. Nesse

³³ *Semana Sportiva*, Salvador, n. 38, 24 dez. 1921.

³⁴ *Semana Sportiva*, Salvador, n. 37, 17 dez. 1921.

³⁵ *Semana Sportiva*, Salvador, n. 21, 28 ago. 1921.

³⁶ *Semana Sportiva*, Salvador, n. 61, 3 jun. 1922.

*sentido, não pouparam esforços para criar condições de educar, fortalecer e aprimorar o corpo feminino branco, observado como o principal instrumento para atingir uma raça branca, representada como superior e perfeita.*³⁷

Contudo, não seria qualquer esporte que poderia cumprir o papel de aprimorar o físico feminino. Para os higienistas e eugenistas, as mulheres deveriam praticar o esporte com o objetivo de aperfeiçoar o corpo para que este fosse apto para a procriação de filhos saudáveis e fortes. Logo, nem todas as atividades cumpririam esta função. Pelo contrário, modalidades como o boxe e o futebol poderiam até prejudicar a função dita nobre e primordial do chamado “sexo frágil”. Na *Semana Sportiva*, um texto em especial de autoria desconhecida chega a condenar veementemente alguns médicos e educadores que recomendavam de um modo geral qualquer atividade esportiva para as mulheres:

Comprometerão os desportos a beleza e a graça feminina?

[...] Pergunto eu agora, onde e por quem, com autoridade, se disse propaganda desportiva em todos os desportos e exercícios ao ar livre contribuíam para desenvolver a beleza do corpo feminino?

Nunca. E a razão do que assim respondo com segurança, é simples: Já vai o tempo em que havia absolutismo nas prescrições, o que nem mesmo na medicina se adota.

Como se poderia prescrever como favorável ao desenvolvimento da beleza do corpo feminino o desporto em geral?

Isso seria a negação de tudo, seria a ciência mostrar-se ignorante no que venha a ser beleza.

Se para os homens, hoje entre nós, reconhecidamente atrasados ainda nesse assunto, eles já se submetem a exame médico, para que lhes sejam aconselhados os desportos adequados à sua constituição física, para as mulheres, para o fim de fazê-las de corpo belo e gracioso, só mesmo por absurdo aconselhar-se-iam os desportos em geral.

Sempre queria ver o tipo de beleza de uma jogadora de foot-ball, depois de uns anos de lutas e a cara dos cientistas que lhe tivesse aconselhado aquele excelente desporto para a obtenção das formas que imortalizaram Afrodite...

Não faltariam, depois, ao ver esse produto de tal propaganda “autorizada” passear às avenidas ou “boulevards”, vozes

³⁷ GOELLNER, S. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. *Recorde: Revista de História do Esporte*. Rio de Janeiro, n.1, v.1, 2008, p. 4. Para uma análise da relação entre o corpo feminino e a medicina em Salvador sugiro: LUZ, A. *Mulheres e doutores: Discurso sobre o corpo feminino*. Salvador, 1890 a 1930. Dissertação (Mestrado em História) – FFCH, UFBA, 1996.

*que gritassem estridentemente: o desporto está tirando a graça, o encanto e até a “coquetterie” da mulher...*³⁸

Na matéria, uma das principais preocupações do autor relaciona-se com o fato das mulheres, praticando qualquer esporte, poderiam perder o encanto e graça, qualidades admiráveis e que marcavam o sexo naquele momento. Após esta crítica, o articulista encerra seu texto indicando às senhorinhas as modalidades mais adequadas para o sexo:

[...] direi apenas, que apesar dos artifícios, atavios, pseudo liberdade e entraves civilizadores, o homem, continua hoje, como em todos os tempos, a ser um mero instrumento de que usa a espécie humana para consecução de seus fins.

Nestas condições, o tipo de beleza feminina que nos convém é o que já brilhantemente defenderam os ilustres escritores que me precederam, o tipo mais apto a procriação, à função mais sublime da mulher, que tem feito a grandeza de povos os mais civilizados [...]

Se de fato nos recordamos que as mulheres fortes que fazem uma raça forte; com que a fraqueza das mães começa a dos homens; que não é possível nenhum progresso social durável se a mulher não intervém para beneficiar-se dele e ajuda-lo, mal podemos atinar com o desconhecer-se por momento o valor biológico dos geradores necessários e suficientes para obter um filho são, viável e suscetível de se beneficiar ao máximo dos efeitos da educação física.

Para a mulher, pois, para a sua beleza e para a conservação de sua graça muito contribuem a ginástica sueca, as danças clássicas e a natação.

Principalmente este último que é o mais adequado ao organismo feminino. É o exercício próprio para a mulher, naturalmente indicado para ela, pois além de ser um modificador do medo, emotividade peculiar ao sexo, d-lhe o domínio de si mesmo harmonizando-lhe as formas.

Ao mar, pois senhorinhas brasileiras! Nadais, lutais!

Neste trecho, a defesa por atividades que favoreciam o desenvolvimento do aparelho reprodutor feminino é tão gritante que o articulista parece querer subtrair o corpo das mulheres delas mesmas. Ou seja, a prática do esporte pelas jovens deveria beneficiar primordialmente a sociedade, (leia-se os homens) pouco importando a preferência e o gosto delas por determinados esportes. Os corpos das moças devem se submeter aos interesses da sociedade e não das próprias.

³⁸ Revista *Semana Sportiva*, Salvador, N° 117, 21 de julho de 1923.

Se o corpo feminino deveria estar a serviço da sociedade não soou estranho o articulista recomendar atividades que conservassem a beleza e graça das jovens, atributos naturalizados ao corpo das mesmas. Este é o caso da natação, principal atividade indicada que favoreceria as jovens na superação do medo da água, qualidade natural do gênero, segundo os estudiosos do período³⁹.

Não raramente a *Semana Sportiva* publicava notícias, textos e entrevistas envolvendo pessoas, situações e eventos de outros lugares do Brasil e até do mundo. O periódico também costumava publicar textos originalmente de outras revistas, o que parece revelar o seu interesse em estar antenado com o que acontecia no universo esportivo a nível nacional e mundial. A veiculação de notícias de origens diversas parecia ter como propósito informar ao leitor local as tendências, modas e reflexões sobre o esporte fora da Bahia. No que tange as notícias envolvendo a relação entre o esporte e a mulher, o periódico também apresentou textos sobre este assunto que eram produzidos fora do âmbito local/ regional.

Atraiu grande atenção uma entrevista concedida por um jogador, Andy Ducat, então meio-campista do Aston Villa, clube de futebol da cidade inglesa de Birmingham. O jogador defende que o futebol seria impróprio para as mulheres:

As proezas atléticas da mulher moderna produzem, em mim, mais imensa admiração.

Sua destreza para o tênis, natação, golfe, hóquei e críquete, faz-me pensar que não está longe a época em que o chamado sexo forte terá que reunir esforços extraordinários para não se deixar vencer pela mais bela “metade” do gênero humano.

Quanto ao foot-ball, sou de opinião que a mulher deve deixá-lo à margem.

A constituição física da mulher, o seu temperamento, não lhe permitem praticar esse sport, não estão de acordo com a natureza desse jogo, que não lhe beneficia o físico.

Penso que o foot-ball é demasiado rade [sic] para a mulher. Em Inglaterra cogita-se da criação, em grande número, de clubes de foot-ball para senhoras.

Isso produzirá grande emulação entre as diversas sociedades, e dará lugar, certamente, a sérios incidentes. O estado de ânimo atual, assim como a idiossincrasia própria do sexo, são muito propícios à produção de lamentáveis colisões.

Acredito, com essas palavras, chamar sobre mim antipatia de muitas lindas aficionadas do varonil desporto, antes de tudo devo ser sincero nas minhas opiniões: O football não se inventou para a mulher.⁴⁰

³⁹ Sobre a relação entre a natação e as mulheres ver: DEVIDE, F. “A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos”. *Movimento*. Porto Alegre, v. 2, n. 10, 2004.

⁴⁰ *Semana Sportiva*, Salvador, n. 74, 02 set. 1922.

Neste trecho da entrevista fica claro que Ducat, ao afirmar que a inaptidão feminina para o futebol se dá por conta da sua constituição anatômica e temperamento, naturaliza as qualidades físicas e morais das mulheres. Quando o atleta diz que tal atividade não beneficiava o corpo das praticantes, a ideia de que o melhor esporte para as mulheres era aquele que desenvolve o seu sistema reprodutivo, parece ser retomada.

Depois de desaconselhar o futebol para as jovens, na parte final da entrevista, Ducat argumenta porque elas não podem praticá-lo e responde o que aconteceria caso continuassem a se envolver com o chamado esporte bretão:

[...] a mulher jamais poderá se empenhar em lutas fortes, que, de ordinário são as que entusiasma o público, por muito que se entregue a um rigoroso e prolongado treinamento, porque sua natureza não se adapta ao grande esforço muscular que este jogo requer.

Muitos outros motivos posso alegar para corroborar a minha opinião, por exemplo: a mulher não pode deter a pelota com o peito, é sabido que o bom jogador deve deter e impulsionar a bola do mesmo modo por que o faz com os pés. Ademias, o pé da mulher, em geral, é demasiado pequeno e os músculos de suas pernas muito débeis para chutar uma pelota de tamanho ordinário, com resultado satisfatório.

Dir-se-á que com exercícios a mulher criará músculos e os pés se tornarão maiores.

Nestas condições, responderei que estamos fora do caso: uma mulher assim, transformada, deixará de ser mulher para ser... mulher-homem!

Nota-se que o discurso de Ducat é profundamente marcado por um pensamento evolucionista, uma vez que para o jogador a natureza do corpo feminino não foi feita para um tipo de esforço muscular o que futebol requer. Por fim, a naturalização do corpo feminino é mais uma vez discutida. Ora, a mulher era reconhecida enquanto tal por te formas suaves e delicadas. Para Ducat, a moça que se exercita no futebol seria mulher-homem por não se encontrar em seu estado natural de suavidade e beleza.

À Guisa de Conclusão

Após a leitura da *Semana Sportiva* é possível elaborar algumas proposições a respeito da presença feminina nos esportes em Salvador: primeiramente a inserção das mulheres de elite no universo esportivo soteropolitano revelou como estas não ficaram a margem das novas sociabilidades. Pelo contrário, participando ativamente da vida dos clubes esportivos de Salvador, frequentando partidas de futebol e regatas de remo e até praticando algumas atividades como o tênis e natação, as

senhorinhas a mademoiselles foram entusiastas ativas de uma cultura esportiva, numa tentativa de reordenamento das relações de gênero na cidade, a exemplo do que ocorria em outros lugares⁴¹. Neste sentido, o esporte contribuiu para que as jovens endinheiradas tomassem a as ruas, praças e outros logradouros, enfim, derrubando algumas barreiras que as restringiam da esfera pública. Além disso, ficou evidente que o envolvimento feminino no esporte não ocorreu a reboque da participação masculina, mas sim de forma paralela e concomitante, mesmo que de maneiras distintas.

Por outro lado, embora o esporte tenha favorecido a supressão de algumas restrições, este acabou sendo utilizado para a manutenção ou redefinição de hierarquias e desigualdades entre os sexos. As concepções evolucionistas e eugênicas presente nos textos da *Semana Sportiva* marcaram significativamente a cultura esportiva fomentando a permanência de desigualdades de gênero. A recomendação das mulheres praticarem apenas os esportes que desenvolvessem seu aparelho reprodutor ou a ideia de que esportes como o futebol ou boxe poderiam macular a “natural” delicadeza, graça e doçura feminina ilustra bem a tentativa de manter a dominação sobre as mulheres e, principalmente, a normatização dos seus corpos.

Apesar de a *Semana Sportiva* querer impor às senhoras, jovens e até crianças uma forma específica de se relacionar com o universo esportivo, alguns textos do semanário deixam transparecer que muitas mulheres se apropriavam desta cultura de um modo que nem sempre ia ao encontro do ideal da revista. Em um das suas edições, por exemplo, encontra-se um conto em que uma torcedora afirmava que ia ao Campo da Graça, por quê era moda e era bonito, contrariando o seu interlocutor que frequentava o estádio para apreciar o espetáculo de beleza e força física dos jogadores.

Finalmente, a leitura da revista apontou que o seu discurso era explicitamente voltado para um ideal de mulher: branca, de fenótipo caucasiano e com o perfil social elitizado, expresso no seu vestuário e comportamento. As recomendações do periódico quanto à forma de frequentar rodas esportivas ou praticar alguma modalidade esportiva não eram acessíveis a qualquer mulher, o que não impedia de algumas delas, de condições mais modestas, vivenciarem este universo ao seu modo. Todavia, de um modo geral, o esforço pedagógico da *Semana Sportiva* de criar uma cultura esportiva feminina passava ao largo da maioria das mulheres soteropolitanas: negras, subalternizadas, sem muitas condições financeiras e que tinham que trabalhar enquanto quituteiras, lavadeiras, cozinheiras para sustentar a sua prole. Enfim, se o esporte também surgia enquanto uma possibilidade de aprimoramento do corpo feminino, resta perguntar: que corpo? Que mulher?



⁴¹ Para a presença feminina nos esportes em outros lugares do país ver: MELO, V. “Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910)”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, 2007.

RESUMO

Este artigo discute a presença feminina nos esportes em Salvador nos anos 1920 através da revista *Semana Esportiva*. Fundada em 1921, veio a público num momento em que se inaugurou em Salvador um moderno estádio de futebol e um campo de jockey. Fazendo jus ao seu título, a revista acompanhava, detalhadamente, a vida esportiva da cidade, entrevistava atletas e dirigentes de clubes. Textos recomendando os esportes aos seus leitores eram publicados, indício de que as atividades atléticas e a estética corporal eram valorizadas, num contexto no qual circulavam discursos eugênicos. As capas da revista eram tomadas por imagens de torcedoras dos principais clubes de Salvador, lances de partidas de futebol ou regatas. Textos sobre a prática esportiva em diferentes lugares do país e do mundo eram frequentes. A análise das notícias, editoriais, crônicas, contos e entrevistas da *Semana Esportiva*, possibilitou perceber de que forma ocorreu o envolvimento feminino no universo esportivo, bem como identificar o perfil social das mulheres que vivenciavam aquele espaço. Além disso, buscou-se analisar o discurso da revista acerca da relação entre o esporte e as mulheres identificando em quais espaços e situações, o periódico considerava interessante o envolvimento daquelas na cultura esportiva. Ao final, concluímos que, se a presença feminina no universo esportivo da cidade defendeu alguns interesses masculinos, também foi resultado de lutas e tensões sociais em torno da reivindicação por parte das mulheres por novos espaços de sociabilidade.

Palavras Chave: Revista Ilustrada; Mulheres; Cultura Esportiva.

ABSTRACT

This paper discusses the presence of women in sports in Salvador in the 1920's by the magazine named *Semana Esportiva*. Founded in 1921, came to public at a time when was inaugurated in Salvador a modern football stadium and a field of jockey. True to your title, the magazine accompanied, in detail, the sporting life of the city, interviewing athletes and clubs managers. Texts recommending the sports to their readers were published, an indication that the athletic activities and body aesthetics were valued, in a context which the eugenic discourses were in circulation. The covers of the magazine contained pictures of supporters of the top clubs of Salvador, moves of football matches or rowing. Texts about the sports practices in different parts of the country and the world were frequent. The analysis of news, editorials, essays, short stories and interviews of the *Semana Esportiva* allowed to understand how it happened the female involvement in sport universe, as well as identify the social profile of women who experienced that space. In addition, we attempted to analyze the discourse of the magazine about the relationship between sport and women, identifying which areas and situations, the magazine considered the involvement of the women interesting in the sport culture. At the end, we conclude that, if the presence of women in the sport universe of the city defended some male interests, was also the result of struggles and social tensions around the claim by women for new spaces of sociability.

Keywords: Illustrated Magazine; Women; Sport Culture.

Artigo recebido em 06 set. 2012.
Aprovado em 27 out. 2012.